

O Plano de Safra 2011/2012 anunciado pela presidente Dilma Rousseff deu ênfase, mais uma vez ao Programa ABC – Agricultura de Baixo Carbono, destinando recursos para o financiamento de práticas sustentáveis: foram 3,15 bilhões de reais, com juros de 5,5% ao ano e limite máximo de 1 milhão de reais por produtor com financiamentos que podem chegar a 15 anos, dependendo do projeto. Também foram agregados 2 programas que já existiam no Ministério da Agricultura, mas que agora ganharam maior destaque: o Plantio Comercial de Florestas ou de Recuperação Florestal; e o Programa de Estímulo à Produção Agropecuária Sustentável.

Os recursos disponíveis podem financiar a recuperação de Áreas de Preservação Permanente e também as áreas de Reserva Legal.

O programa tem metas ambiciosas: aumentar de 25 para 33 milhões de hectares de áreas de Plantio Direto; recuperar 15 milhões de hectares de áreas degradadas; aumentar em mais 4 milhões de hectares a tecnologia de Integração Lavoura/Pecuária/Floresta; e expandir de 6 para 9 milhões de hectares a área de florestas plantadas.

Ainda na linha da Sustentabilidade, o Plano de Safra reforça o Prodecoop, Programa de Fomento e Cooperativismo Agropecuário, elevando o limite de crédito por cooperativas, de 50 para 60 milhões.

E o Pronemp – Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor teve seus recursos ampliados de 5,65 bilhões do ano passado para 8,3 bilhões este ano, um acréscimo de 46,9%. Também aqui foram aumentados os limites (o custeio saltou de 215 mil reais para 400 mil) para cada produtor, com picos de 6,85%, mantidos, apesar da elevação da taxa Selic.

O governo brasileiro com isso reforça os programas voltados para a sustentabilidade, investindo mais do que países que nos criticam pela nossa “indolência” na área ambiental. Isso sem falar na redução de desmatamento da Amazônia, entre outros temas.

Esta ação governamental, na verdade, se insere num conjunto de outras iniciativas que conferem à realidade ambiental brasileira uma qualificação realmente invejável. Em recente artigo, o Dr Evaristo de Miranda, Doutor em Ecologia e Pesquisador renomado da Embrapa, mostra com abundância de argumentos, o fato do Brasil já ser hoje uma potência ambiental no cenário mundial, mesmo sendo um país classificado como emergente. Seus números são definitivos, e entre eles podem ser destacados os seguintes:

- o Brasil tem 2,4 milhões de quilômetros quadrados, (88% do seu território), hoje protegidos. É o país com mais áreas protegidas no mundo todo, à frente da China, com 1,6 milhões de km<sup>2</sup> e da Rússia, com 1,2 milhões, respectivamente 17% e 8% dos territórios totais. Os Estados Unidos, com 1,2 milhões de km<sup>2</sup> protegidos, está em 4º lugar, enquanto a Austrália, com 730 mil km<sup>2</sup>, vem em quinto. E muitas áreas protegidas destes países são desertos ou cadeias montanhosas inacessíveis, fato que não ocorre no Brasil. E mais, os países ricos (industrializados), permitem a presença da agropecuária em

Parques Nacionais, dentro de normas específicas, enquanto as nossas Unidades de Conservação de Proteção Integral, em sua grande maioria, sequer são permitidas visitas, nem mesmo turísticas, que dirá qualquer tipo de produção. E mais ainda: nossas áreas protegidas já cobrem 54% da Floresta Amazônica Brasileira. Sem dúvida, uma realidade muito diferente do que é apontada fora do Brasil e mesmo aqui dentro. A própria ONU considera o Brasil como o líder mundial na criação de áreas protegidas: nos últimos 7 anos, cerca de 700 mil km<sup>2</sup> foram criados no mundo todo, dos quais 75% no Brasil.

Estes números devem ser suficientes para mostrar o compromisso brasileiro com a sustentabilidade, se não bastasse nossa tecnologia agrícola que permitiu o crescimento de produção de grãos em 179% nos últimos 20 anos enquanto a área plantada cresceu 30%. Com isso, deixamos de desmatar mais de 50 milhões de hectares para ter a produção atual de grãos.

Mas tem mais: a Europa tem apenas 0,1% das florestas originais do Planeta; a África tem 3,4%, a Ásia tem 5,5%. O Brasil tem hoje 28,3% das florestas originais do Planeta. Bem mais do que tinha há 50 anos.

Chega? Não: somos o único país que exige 20% a 80% das áreas das fazendas com Reserva Legal. Segundo o Censo do IBGE de 2006, os agricultores brasileiros já têm 858 mil km<sup>2</sup> de florestas, o que equivale a 10% do território nacional. Onde mais isso existe?

Temos ainda a agroenergia, grande responsável pelo diferencial da nossa matriz energética, que tem 47,8% de energia renovável, enquanto o mundo todo tem menos de 20%, e os países da OCDE não chegam a 10%. Só a cana de açúcar já vale 18,3% da energia brasileira, maior até que as hidroelétricas, e a palha de cana cortada crua pode valer uma Belo Monte! E tem muito mais: somos o 17º país em emissão de CO<sub>2</sub> (só 1,4% do total do mundo) e somos o campeão mundial da reciclagem.

Tudo somado, já somos o líder mundial em economia de baixo carbono. Há um índice, representado pelo quociente entre o total de CO<sub>2</sub> emitido e o Produto Interno Bruto de cada país, que representa a medida de eficiência energético/ambiental dos países na geração de riquezas. Quanto menor o quociente, melhor é o resultado. O do Brasil é 0,24, sendo o 104º colocado do mundo, posição privilegiada.

Portanto, o Plano de Safra vem sacramentar uma inequívoca tendência do agro brasileiro, na direção da sustentabilidade, da mitigação do aquecimento global, e de sua característica de agricultura de baixo carbono.

Estamos bem na foto. É só olhar para ela!

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**